

Catálogos & Bibliografias: evolução histórica do trabalho de controle bibliográfico

Catalogues & Bibliographies:
historical evolution of the bibliographic control

MARIA CRISTINA BELLO FERREIRA PINTO *

Evolução histórica do controle bibliográfico, apresentando e analisando fatos, discutindo a dicotomia entre os processos de catalogação e bibliografia e os problemas resultantes.

1. INTRODUÇÃO

A necessidade de mostrar a evolução dos dois instrumentos de controle bibliográfico — catálogos e bibliografias — evidenciou-se quando a Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais, na reforma de seu currículo pleno, criou a disciplina Tratamento da Informação I, que faz parte da área Controle Bibliográfico dos Registros do Conhecimento. Essa disciplina prepara o profissional para a criação e gerência dos instrumentos de controle bibliográfico.

A análise dos fatos históricos relativos ao controle da informação tem o objetivo de avaliar e aproveitar toda a experiência acumulada ao longo dos anos, visando uma melhor compreensão «do que fazemos» e do «por que fazemos» em termos de controle bibliográfico.

Essa evolução é mostrada em quadros, apresentando os fatos e uma análise global de cada período histórico. Aconselha-se que o texto seja examinado horizontalmente: lendo-se a análise, deve-se procurar os fatos correspondentes ao período.

* Professora da Escola de Biblioteconomia da UFMG.

BIBLIOGRAFIAS & CATALOGOS: EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO TRABALHO DE CONTROLE BIBLIOGRÁFICO

FATOS

ANÁLISE

	BIBLIOGRAFIAS	CATALOGOS
ANTIGUIDADE	— Sec. II AD GALENO «De libris propriis liber» Autobiografia	— Sec. XVII A.C. Biblioteca de AKKADE; Semita Sargão I; o bibliotecário IBNISSARU faz o inventário em tabletes de barro. — Biblioteca de EDFU-Egito-Coleção inventariada nas próprias paredes.
	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; width: fit-content; margin: 0 auto;"> 250 AC Calimacus, bibliotecário de Alexandria compila seu PINAKES. Bibliografia da literatura grega? Catálogo da biblioteca? </div>	
L. MÉDIA		— Sec. XIII mosteiros ingleses fazem uma tentativa de um catálogo coletivo «Registrum librorum Angliae». — Sec. XIV Uso de símbolos para localização de livros nas estantes, indicação de edições de uma obra e indicação de obras encadernadas juntas.

O uso eficiente dos recursos de uma biblioteca depende essencialmente da organização do seu material. Este é um axioma tão conhecido na Antigüidade como nos nossos dias. Assim, desde que o homem começou o registro de seus conhecimentos, aparece simultaneamente a preocupação com o controle destes registros. Os primeiros catálogos e bibliografias eram puramente listas inventariais e não instrumentos bibliográficos. Nas bibliografias a ênfase era dada aos autores e não aos livros, ou seja, eram biobibliografias.

Até a invenção da imprensa as bibliografias eram praticamente inexistentes. O pequeno número de documentos e seu uso restrito não exigiam compilações bibliográficas. Os catálogos de bibliotecas constituíram os únicos tipos de listas bibliográficas, caracterizando-se pela técnica pouco elaborada, falta de arranjo e transcrição sucinta e pouco precisa de títulos, quando estes existiam.

(continua)

(continuação)

	BIBLIOGRAFIAS	CATALOGOS
SEC. XV	<p>— INVENÇÃO DA IMPRENSA</p> <p>— JOHANN TRITHEIM 1494 - «Liber de scriptoribus ecclesiasticis» 7.000 títulos; 982 autores</p> <p>1495 - «Catalogus illustrium virorum Germaniae» Pode ser considerado a primeira bibliografia nacional.</p>	<p>— 1498 - ALDO MANUCIO Primeiro catálogo impresso; catálogo de venda dos livros impressos em sua oficina. «Libri Graeci Impressi».</p>
SEC. XVI	<p>— SYMPHORIEN CHAMPIER 1506 - «De medicinae clares scriptoribus»</p> <p>— KONRAD GESNER 1545 - «Bibliotheca Universalis» 1.000 títulos; 3.000 autores Tentativa de uma bibliografia universal, arranjada por autor, com índice de assunto.</p> <p>— MESSKATALOGES 1564 - Começam a ser publicados catálogos de livreiros para venda nas feiras na Alemanha.</p>	<p>— ANDREW MAUNSELL 1595 - «Catalogue of English Printed Books» Já apresenta uma sistematização:</p> <ul style="list-style-type: none"> • entrada pelo sobrenome; • entrada de obras anônimas pelo título e/ou assunto; • obras traduzidas entram pelo autor e também pelo tradutor.

Com a invenção da imprensa crescem bastante os acervos das bibliotecas e livrarias, que precisam assim de uma organização mais cuidadosa. Começam a se usar títulos para identificação das obras.

Proliferam as bibliografias/catálogos com finalidade comercial. O comércio livreiro floresce na Alemanha. Aparecem as feiras de livros, ficando famosas as de Leipzig e Frankfurt. GESNER sugere que sua bibliografia «Bibliotheca Universalis» seja usada como catálogo pelas bibliotecas, acrescentando-se números de chamada que possibilitem a localização das obras nas estantes. Vemos, no trabalho de MAUNSELL, as primeiras preocupações com a padronização da descrição bibliográfica.

BIBLIOGRAFIAS & CATALOGOS: EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO TRABALHO DE CONTROLE BIBLIOGRÁFICO

	FATOS		ANÁLISE
SEC. XVII	<p style="text-align: center;">BIBLIOGRAFIAS</p> <p>— Uso do termo «BIBLIOGRAFIA» significando «lista de livros».</p> <p>— GABRIEL NAUDÉ 1633 - «Bibliographia política» 1642 - «Bibliographie politique»</p> <p>— HALLERVORD 1676 - «Bibliotheca curiosa», primeira bibliografia crítica.</p> <p>— Primeiras bibliografias nacionais não periódicas (Inglaterra, França, Itália).</p>	<p style="text-align: center;">CATALOGOS</p> <p>— Biblioteca de Oxford reorganizada usando catálogo classificado e índice de autor arranjado por sobrenome.</p> <p>— BODLEIAN LIBRARY Considerações sobre incluir na citação: * tamanho do livro; * nome do editor; * mencionar falta de local e data.</p>	<p>A bibliografia recebeu grande impulso no século XVII. Continuam a ser publicadas as bibliografias comerciais e também as bibliografias especializadas, em decorrência da ciência experimental que se inicia nesta época.</p> <p>Os catálogos das bibliotecas são impressos e já apresentam alguma sistematização visando facilitar o seu uso e descrever as obras de acordo com certos padrões.</p>
SEC. XVIII	<p>— DIOGO BARBOSA MACHADO 1741-1759 «Bibliotheca Lusitana» Mais uma biobibliografia de que uma bibliografia. Incluía informações sobre os autores portugueses e secundariamente citava suas obras.</p> <p>— 1763-1793 - «Bibliographie instrutive»</p> <p>— 1771-1777 - «Bibliotheca botanica, anatomica, chirurgica, medicinae practicae»</p> <p style="margin-left: 150px;"> verdadeiras bibliografias.</p> <p>— 1763-1769 - «Catalogue hebdomadaire des livres nouveaux que se publient en France et chez l'étranger». Prodecessor da «Bibliographie de la France.»</p>	<p>— 1791 - 1º código nacional de catalogação - França. Instruções do governo francês pós-revolução para organização das bibliotecas. Foi a primeira experiência com catálogos em fichas e já estabelecia regras para: * Entrada pelo autor; * Regras para localização; * Estabelecimento de referências.</p> <p>— Grandes bibliotecas começam a imprimir seus catálogos: * 1738 - Oxford * 1743-53 - Bibliotheque Royale-Paris * 1747-56 - Biblioteca do Vaticano/Roma.</p>	<p>Firma-se o termo bibliografia com seus significados amplo e restrito: o produto e a técnica ou a ciência. Com o crescimento do número de listas, há necessidade evidente de sistematização do campo em termos de compilação e apresentação. O espírito da época, que levava o homem à busca de um conhecimento mais claro, mais científico, resultou também no aparecimento de vários esquemas de classificação bibliográfica.</p> <p>Aparecem as primeiras verdadeiras bibliografias, evoluindo de simples listagens de autores; já há preocupação com o controle da produção científica.</p> <p>A bibliografia se firma como instrumento primordial, no comércio livreiro, desenvolve métodos próprios e maneira de expressão. Aumentam o número de bibliografias especializadas.</p>

BIBLIOGRAFIAS & CATALOGOS: EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO TRABALHO DE CONTROLE BIBLIOGRÁFICO

	FATOS		ANÁLISE
SÉC. XIX	BIBLIOGRAFIAS	CATALOGOS	
	<ul style="list-style-type: none"> — 1810 - . «Bibliographie de la France» começa a ser publicada e continua até hoje. — 1810 - BRUNET «Manuel du libraire et de l'amateur des livres». Tentativa de repertório universal. 5. ed. 1860. — 1830 - «Pharmaceutisches Central-Blatt» Controle da literatura periódica de química. Muda o nome em 1907 para Chemical Zentralblatt. — 1858-1923 - INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA «Dicionário bibliográfico português». 22v. Fonte bibliográfica para a bibliografia brasileira dos séc. XVIII e XIX. — 1879 - . «Index Medicus» Controle da literatura periódica de medicina. — 1884 - . «Engineering Index» editado pela Association of Engineering Societies, controla a literatura periódica de engenharia. 	<ul style="list-style-type: none"> — 1841 - PANIZZI - British Museum «91 Regras» - Considerado o 1º dos modernos códigos. Estabelecia que o interesse do usuário é na obra e não no livro; previa o estabelecimento de referências no catálogo. — 1852 - JEWET «On the construction of catalogues». Primeiro código americano estabelecendo regras para entrada de autor acompanhado de listagem de assunto. Defendia a catalogação centralizada e cooperativa. 	<p>Do séc. XIX em diante o problema do controle bibliográfico foi sendo estabelecido e sistematizado. Podemos analisar o período sob diferentes abordagens:</p> <ul style="list-style-type: none"> — bibliotecários que contribuíram para o aperfeiçoamento dos métodos pela sua prática e publicações; — influência de grandes instituições como a Library Congress, a British Museum Library, Smithsonian Institution, American Library Association, Unesco, FID, ISO, IFLA... — conferências que reuniram especialistas permitindo a troca de idéias e experiências; — publicação de códigos e recomendações que pretendem padronizar práticas de controle bibliográfico; — criação de serviços e sistemas de catalogação e bibliografia; — sistematização do ensino da bibliografia e da catalogação e a busca por embasamento teórico das práticas bibliográficas.

(continua)

(continuação)

SEC. XIX	BIBLIOGRAFIAS	CATÁLOGOS
	<p>— 1895 - PAUL OTLET & HENRI LA FONTAINE Criação do IIB (Instituto Internacional de Bibliografia) Bruxelas. Hoje FID. Chegaram a compilar 11 milhões de fichas formando uma espécie de catálogo coletivo mundial: «Repertoire Bibliographique Universel». O Instituto fomentou bastante a atividade bibliográfica mundial através da publicação de bibliografias, boletins, catálogos. Tinham, no entanto, uma visão utópica do problema do controle bibliográfico, não analisando as dificuldades de um trabalho a nível internacional. Funciona até a Primeira Grande Guerra.</p>	<p>— 1876 - CUTTER «Rules for a dictionary catalog» (4. ed. 1904). Primeiros princípios da catalogação moderna. Estabelece as funções do catálogo, inclui regras para entrada de autor e assunto como também para alfabetação.</p> <p>— 1899 - «Instruções Prussianas» Código amplamente usado na Alemanha e também em outros países da Europa.</p>

No campo da bibliografia no século XIX assista-se ao florescimento dos repertórios nacionais correntes. Começam a aparecer literatura sobre bibliografia e também bibliografias de bibliografias. As bibliografias especializadas já são numerosas e mostram cuidado na preparação, e se preocupam especialmente com o controle das publicações periódicas.

Na catalogação, assiste-se a um desenvolvimento da sistematização da prática catalográfica começando com PANIZZI e passando por CUTTER que é o primeiro teórico da catalogação, buscando sair da simples prática para uma metodologia mais científica.

BIBLIOGRAFIAS & CATALOGOS: EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO TRABALHO DE CONTROLE BIBLIOGRÁFICO

FATOS

ANÁLISE

	BIBLIOGRAFIAS	CATALOGOS
<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">ATÉ A ERA DA AUTOMAÇÃO</p>	<p>— 1892 - Bibliographic Society - Londres. Sociedade nacional cujos objetivos eram:</p> <ul style="list-style-type: none"> * fazer pesquisas bibliográficas; * publicar obras bibliográficas; * criar uma biblioteca de bibliografias. <p>— 1902 - Deutsche Bibliographische Gesellschaft. Sociedade nacional cujos objetivos eram:</p> <ul style="list-style-type: none"> * dar um tratamento bibliográfico à literatura de história da Alemanha; * tornar a literatura periódica alemã acessível através da publicação de repertórios. <p>— 1901 - Congresso em Bruxelas, promovido pelo IIB, cujos objetivos eram:</p> <ul style="list-style-type: none"> * tornar cada país responsável por listar sua própria literatura; * estabelecer a classificação de Dewey como elemento de compatibilização das várias classificações bibliográficas existentes; * preparar regras a nível internacional para elaboração de vários tipos de listas. 	<p>— 1908 - ALA «Cataloguing rules: author and title entries»</p> <p>— 1911 - KAISER «Systematic indexing». Contribuição significativa à teoria de cabeçalhos de assunto.</p> <p>— 1931 - CÓDIGO DA VATICANA. Calcado nas normas americanas com adaptações para a reorganização da Biblioteca do Vaticano. Traduzido para o espanhol e para o português, tendo sido por isto muito usado no Brasil.</p> <p>— 1941 - OSBORN «Crisis in cataloguing». Artigo polêmico defendendo o fim dos «catalogicistas» e a racionalização do processo de catalogação.</p>
<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">SEC. XXI</p>		

No final do séc. XIX e início do séc. XX começam a aparecer as sociedades nacionais de bibliografia e os congressos sob os auspícios destas instituições. Os Estados Unidos passam a apresentar uma atividade bibliográfica marcante, suplantando a Europa.

Começa a se firmar a bibliografia em duas frentes específicas de trabalho: a nível nacional e a nível de especialização. Assiste-se ao estabelecimento das bibliografias nacionais correntes, patrocinadas por agências governamentais e das bibliografias especializadas correntes, geralmente patrocinadas por entidades de classe, associações profissionais e sociedades eruditas. O surgimento das primeiras foi resultado de uma pressão exercida pelo comércio livreiro dos países desenvolvidos que necessitavam de um panorama de sua atividade editorial. As bibliografias especializadas correntes resultaram da necessidade das associações profissionais e similares fornecerem a seus membros informações específicas num prazo mínimo de tempo. Estas evoluíram inclusive para uma atividade essencialmente comercial, tendo em vista a lucratividade alcançada com seus trabalhos e produtos.

(continua)

(continuação)

ATE A ERA DA AUTOMAÇÃO SEC. XX	BIBLIOGRAFIAS	CATALOGOS
	<p>— 1906 - . «Chemical Abstracts» anteriormente «Review of American Chemical» (1895-1906) que até hoje controla a literatura de química. Da década de 60 em diante automatiza todos seus serviços.</p> <p>— 1907 - . «Reader's Guide to Periodical Literature». Publicado pela WILSON (editora comercial) controla a literatura periódica nos Estados Unidos.</p> <p>— 1933 - . «Cumulative Book Index» (WILSON) para livros da língua inglesa, principalmente americanos.</p> <p>— 1950 - . «British National Bibliography». Começa a ser publicada, com arranjo sistemático e índice de assunto.</p>	<p>— 1949 - CÓDIGO DA ALA + LC Extremamente detalhista.</p> <p>— 1953 - LUBETZKY - «Cataloguing rules and principles». Estuda a adequação dos códigos existentes e defende o estabelecimento de regras baseadas em princípios (que ele chama «condições») e não em casos.</p>

A atividade catalográfica, a partir das idéias de Cutter, torna-se altamente sofisticada e a catalogação descritiva passou a demandar decisões tão complexas que a quantidade de livros nos depósitos de bibliotecas esperando processamento, se tornou assustadora. A partir do trabalho de Libetzky nota-se uma preocupação com a racionalização do trabalho de catalogação baseado em princípios.

BIBLIOGRAFIAS & CATALOGOS: EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO TRABALHO DE CONTROLE BIBLIOGRÁFICO

FATOS

ANÁLISE

ERA DA AUTOMAÇÃO	BIBLIOGRAFIAS	CATALOGOS
	<p>— 1961 - . «Chemical Titles». Publicação do CAS (Chemical Abstracts Service) de periodicidade quinzenal, indexa artigos de seiscentos periódicos da área de química, sendo o primeiro índice a ser impresso por computador.</p> <p>— 1963 - . «STAR-Scientific and Technical Aerospace Reports». Publicação da NASA, controla a literatura sobre pesquisa aeroespacial e defesa nacional.</p> <p>— 1967 - ISBN (International Standard Book Number)</p> <p>— 1970 - ISSN (International Standard Serial Number)</p> <p>O número internacional normalizado é um mecanismo de controle atribuído a livros e publicações periódicas, possibilitando sua melhor identificação. Cada país determina uma agência responsável pelo controle do sistema.</p>	<p>— 1960 - COATES «Subject Cataloguing». Desenvolve as teorias de Cutter e Kaiser sobre cabeçalhos de assunto, estudando ordem de citação e desenvolvendo a idéia de categorias fundamentais.</p> <p>— 1961 - ICCP: «International Conference on Cataloguing Principles» - Paris. Estabelecimento de princípios de catalogação baseados nas idéias de Lubetzky. Grande influência internacional, contribuiu para consolidar a cooperação internacional no campo da bibliografia e da catalogação. Estabeleceu-se princípios de entrada para autor e título.</p>

SEC. XX

O grande acontecimento que determinou, ou pelo menos deveria determinar, uma total revisão dos princípios que regem o trabalho de controle bibliográfico foi a entrada e o uso em larga escala do computador a partir da 2ª metade do século XX. O período pós-guerra caracterizou-se pela expansão da chamada PED (Pesquisa e Desenvolvimento) e conseqüente aumento da literatura científica e técnica. Os métodos tradicionais de controle da literatura mostraram-se ineficientes e anti-econômicos e a adoção dos processos mecanizados tornou-se imperativa. A institucionalização da atividade bibliográfica é uma realidade; esta atividade não mais representa esforços individuais isolados mas é fruto do trabalho de entidades como a UNESCO, FID, IFLA, ISO, ICSU, associações de classe e firmas comerciais.

(continua)

(continuação)

		BIBLIOGRAFIAS	CATÁLOGOS
		ERA DA AUTOMAÇÃO	<p>— 1970 - . «ATOMINDEX» - Publicação da IAEA (International Atomic Energy Agency) controla a literatura sobre Energia atômica. Faz parte do INIS (International Nuclear Information System).</p> <p>— 1970 - . «Air Pollution Abstracts» - Publicação da Environmental Protection Agency. Controla a literatura sobre meio-ambiente.</p> <p>— 1974 - CBU (Controle Bibliográfico Universal). Torna-se operacional o programa CBU da Unesco e IFLA visando um sistema mundial para permuta de informações bibliográficas.</p> <p>— 1975 - . «AGRINDEX» - Publicação do AGRIS (Agriculture Information System). Controla a literatura de agricultura. No Brasil o CENAGRI (Centro Nacional de Agricultura) é o representante do sistema AGRIS.</p>
SEC. XX			

A UNESCO estimula, a partir de 1947, a criação de centros bibliográficos nacionais eficientes para viabilizar o programa Controle Bibliográfico Universal (CBU). No Brasil, o IBBD, atualmente IBICT, foi criado em 1954 com estímulo da Unesco, com a finalidade de desenvolver trabalhos bibliográficos. As bibliografias nacionais correntes visam levantar toda a bibliografia de um país e participando do CBU, formar um banco de dados mundial.

Os serviços bibliográficos especializados a partir da Segunda Guerra sofreram mudanças substanciais: anteriormente orientados exclusivamente para o assunto ou disciplinas, passaram a se orientar também para missões ou objetivos específicos, constituindo-se uma evolução natural para suprir as necessidades de informação dos novos empreendimentos científicos em áreas tais como energia nuclear, exploração espacial, defesa nacional, ecologia, etc.

BIBLIOGRAFIAS & CATALOGOS: EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO TRABALHO DE CONTROLE BIBLIOGRÁFICO

FATOS

ANÁLISE

ERA DA AUTOMAÇÃO

SEC. XX

BIBLIOGRAFIAS

- 1961 - . «Science Citation Index»
- 1973 - . «Social Science Citation Index». Índices interdisciplinares que relacionam artigos sobre o mesmo assunto com base nas citações bibliográficas existentes nos próprios artigos.
- 1968 - . «Metals Abstracts». Resultado da união de duas instituições afins: American Society of Metals (USA) e Institute of Metals (Inglaterra)
- ICSU-AB (International Council of Scientific Unions - Abstracting Board). Comitê que coordena atividades de serviços bibliográficos a nível internacional.
- 1970 - UNISIST. Programa da Unesco e ICSU para estabelecimento de um sistema mundial de informação científica à base da cooperação voluntária, cujo objetivo principal é o incentivo à permuta de informações entre sistemas nacionais e internacionais.

CATALOGOS

- 1968 - «Normas de catalogação simplificada». Biblioteca da Câmara dos Deputados. Baseadas nos princípios da Conferência de Paris, muito usado no Brasil como código de catalogação.
- 1969 - RIEC (Reunião Internacional de Especialistas de Catalogação) Copenhagen: Objetivo: conseguir uma padronização da catalogação descritiva a nível internacional visando facilitar a catalogação compartilhada. Base: Trabalho de GORMAN comparando métodos descritivos em 8 bibliografias nacionais.
- 1970 - OCLC - (Ohio College Library Center) Rede de catalogação cooperativa operando nos USA, totalmente automatizada com recursos tais como: catálogo coletivo on-line, empréstimo interbibliotecário, etc.
- 1971 - IFLA - Publicação da ISBD(M) (International Standard Bibliographic Description-Monographies) Normas para descrição bibliográfica de monografias, produto de uma série de atividades decorrentes da RIEC. Um ano depois adotada por algumas bibliografias nacionais.

A preocupação com a fragmentação da ciência levou ao aparecimento de serviços bibliográficos interdisciplinares, como o Science Citation Index. A diversidade de formas físicas dos documentos determinou o aparecimento de serviços como o World Meeting Information Center que controla a literatura de trabalhos apresentados em congressos ou a Derwent Publications que indexa patentes.

Vários fatores levaram os serviços de controle bibliográfico a se unirem em atividades cooperativas visando a racionalização e a melhoria das atividades relativas à transferência da informação. O AGRIS e o INIS são exemplos de serviços baseados nos princípios de coordenação e cooperação voluntárias a nível internacional. A Unesco e o ICSU estabeleceram os programas UNISIST e NATIS como base para a viabilidade de um sistema internacional de informações

A catalogação cooperativa, formando redes ou sistemas («networks»), é uma idéia antiga e cue hoje se refere exclusivamente a sistemas que contêm elementos de computarização, com base de dados mecanicamente legíveis e acesso «on» ou «off-line».

(continua)

(continuação)

ERA DA AUTOMACAO	BIBLIOGRAFIAS	CATALOGOS
	<p>— 1974 - NATIS (National Information System). Programa da Unesco que visa permitir a cada país, independente de seu estágio de desenvolvimento, participar de um programa a nível internacional, através do incentivo à criação de uma infra-estrutura nacional de informação.</p> <p>— 1976 - BIBLIODATA - Programa da Fundação Getúlio Vargas visando o estabelecimento de cooperação entre centros bibliográficos de informação no Brasil com base na automação dos serviços. Seu principal objetivo é o estabelecimento de um sistema de catalogação cooperativa e tem como subproduto um catálogo coletivo das bibliotecas cooperantes.</p>	<p>— 1972 - Projeto CALCO (Catalogação Legível por Computador) Formato para entradas de dados catalográficos em computador estabelecido pelo IBBD, começa a ser usado no Brasil.</p> <p>— 1974 - IFLA - Publicação do ISBD(G) Regras de descrição compatibilizando as ISBD dos vários tipos de materiais (monografias, periódicos, mapas...)</p> <p>— 1978 - AACR - 2. ed. Baseado na ISBD(G) dando ênfase a uma abordagem integrada na catalogação de diferentes tipos de materiais na biblioteca. Aceito internacionalmente e adotado nos países de língua inglesa.</p> <p>— 1978 - CCN (Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Periódicas) - Operado pelo IBICT contém cerca de 83.000 títulos de periódicos de 900 bibliotecas brasileiras. Distribuído em microfichas, possibilita o oferecimento de cópias dos artigos pelo COMUT.</p> <p>— 1983-85 CCAC. «Código de Catalogação Anglo Americano». Tradução para o português da 2. ed. do AACR, em 2 volumes.</p>

SEC. XX

Estas atividades cooperativas estimularam estudos e propostas de solução para problemas comuns às duas áreas de controle bibliográfico tais como: normalização da descrição, bibliográfica, procedimentos de análise e indexação de assunto, estabelecimento de padrões para linguagens de indexação, uniformização dos métodos de resumo, etc...

Vimos portanto que os serviços bibliográficos vêm sofrendo uma evolução natural que reflete a própria transformação da ciência e da tecnologia, as prioridades traçadas pelos governos e as mudanças sociais ocorridas.

CONCLUSÕES

A criação e a operação de bases de dados bibliográficos automatizados, da década de 60 em diante, não somente agilizou a produção dos tradicionais periódicos de indexação e resumo, como também permitiu a geração de vários novos produtos a partir destas bases de dados: serviços de SDI (Disseminação Seletiva de Informações), levantamentos bibliográficos retrospectivos, Serviços de Alerta, etc. Instituições que possuem computadores têm hoje a possibilidade de adquirir bases de dados já prontas e gerar seus próprios produtos, de acordo com seus interesses.

A automação dos catálogos de bibliotecas já é uma realidade. A partir da entrada dos dados bibliográficos, dentro de formatos padrão pré-estabelecidos, o sistema determina que tipos de acesso ou forma de catálogo irá viabilizar: acesso «on» ou «off-line», catálogos impressos ou em fichas.

A advento das novas tecnologias de automação deveria nortear uma total revisão dos procedimentos de controle bibliográfico. Segundo GROGAN (7) o computador é a única solução para o trabalho de dominar o grande volume de publicações resultante da rápida expansão do conhecimento. Mas, pergunta-se: como otimizar sua utilização? O que é viável, o que é utopia? O que é inovação, o que é repetição de práticas seculares? As respostas a estas perguntas nos seriam dadas através de pesquisas que nos levariam a saber com certeza «**o que estamos fazendo**» e «**por que estamos fazendo**». Temos notado que as mudanças ocorridas baseiam-se mais em opiniões individuais ou de grupos, calcadas na tradição e experiências, do que efetivamente em dados,

e que os bibliotecários são vulneráveis à força do conservadorismo, reagindo negativamente a mudança em suas técnicas bibliográficas tradicionais.

A análise da evolução dos catálogos e bibliografias mostra que a divisão do trabalho de controle bibliográfico em dois campos distintos não se explica facilmente. SHERA (10) tece considerações sobre o porquê desta dicotomia. Segundo ele, os primeiros bibliotecários modernos preocuparam-se em aperfeiçoar as técnicas da organização bibliográfica, tão importantes quanto a prática da biblioteconomia propriamente dita. Os bibliotecários tornaram-se dependentes da bibliografia como um instrumento para seu programa de aquisição. Jewett (1852) luta pela criação de um grande centro nacional de bibliografia na Smithsonian Institution e propõe a criação de um catálogo coletivo das maiores bibliotecas americanas da época.

Com o crescimento da importância das publicações periódicas, os bibliotecários convencem-se que sua análise e indexação é tarefa do profissional. Em 1848, Poole, da Yale University Library, publica o seu «Alphabetical Index to Subject Treated in the Reviews and other Periodicals».

Infelizmente, os bibliotecários, vendo a biblioteca como uma agência local autônoma e autosuficiente, descuidaram-se da cooperação inter-institucional. A imaturidade profissional travou o estabelecimento da indexação cooperativa e centralizada. Assim, importante parte do mecanismo bibliográfico de prover acesso a grande e importante parte da literatura científica, escapou das mãos do bibliotecário.

Dos problemas mais difíceis de análise e organização do conhecimento registrado para uso efetivo, os bibliotecários voltaram-se para a educação das massas e a popularização da educação, sensíveis à utopia de

que o mais pobre dos homens, através da cultura da biblioteca pública, seria rico em sabedoria. Enquanto os bibliotecários preocupavam-se exclusivamente com essa idéia, outros profissionais começavam a enfrentar, ainda que muitas vezes amadoristicamente, os problemas bibliográficos, em busca de respostas que a nova sociedade («science oriented society») precisava.

A renúncia dos bibliotecários ao seu comprometimento histórico, como mediadores entre o homem e o registro gráfico, contribuiu para a dispersão das atividades bibliográficas, dificultando o seu desenvolvimento. Isto não teria ocorrido se houvesse uma compreensão adequada do papel da biblioteca: suas funções e objetivos e o reconhecimento de que existem vários tipos diferentes de bibliotecas, com coleções bastante peculiares, necessitando ajustamentos que satisfaçam diferentes demandas. O sistema de comunicação científica cresceu até meados deste século sem planos de cooperação, dependendo principalmente de esforços individuais e iniciativas de grupos isolados. Faltou também aos bibliotecários a compreensão de que as atividades de controle bibliográfico dependem essencialmente de esquemas cooperativos e que somente através de planejamento básico e coordenação seremos eficientes no trato do problema.

Historical evolution of the bibliographic control, stating and analyzing facts, discussing the dichotomy between cataloguing and bibliographic process and issuing problems.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARBOSA, Alice Príncipe. **Novos rumos da catalogação**. Rio de Janeiro, BNG/Brasilart, 1978. 245 p.
2. CAMPELLO, Bernadete; CAMPOS, Carlita Maria. **Fontes de informação especializada; uma tipologia para fins didáticos**. Belo Horizonte, 1987. (No prelo).
3. FIGUEIREDO, Laura M. de; CUNHA, Lélia G.C. da. **Curso de bibliografia geral**. Rio de Janeiro, Record, 1967. 143 p.
4. FIUZA, Marysia M. **Estudo das funções do catálogo da Biblioteca Central do SESC**. Belo Horizonte, 1980. 91 p. (Dissertação, Mestrado em Biblioteconomia).
5. ————. A Catalogação bibliográfica até o advento das novas tecnologias. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, 16(1) mar. 1987.
6. FOUNDATIONS of cataloging; a sourcebook. Edited by Michael Carpenter and Elaine Svenonius. Littleton, Libraries Unlimited, 1985. 276 p.
7. GROGAN, D. Indexing and abstracting services. In: ————. **Science and technology; an introduction to the literature**. 3. ed. London, C. Bingley, 1976. cap. 10, p. 169-91.
8. HUNTER, Eric J.; BAKEWELL, K.G.B. **Cataloguing**. London, C. Bingley; Munich, K.G. Saur, 1979. 197 p.
9. SCHNEIDER, Georg. The development of bibliography. In: ————. **Theory and history of bibliography**. New York, Scarecrow Press, 1961. p. 5, p. 271-293.
10. SHERA, Jesse H. The role of the library in dissemination of information. In: ————. **The foundations of education in librarianship**. New York, Becker and Hayes, 1972. cap. 6, p. 163-194.
11. SUBRAMANYAM, Krishna. **Scientific and technical information resources**. New York, M. Dekker, 1981. 416 p.